

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

30 de Setembro de 2022

JOÃO BOTELHO – FILMES SÃO HISTÓRIAS, O CINEMA É O MODO DE AS CONTAR

A BALEIA BRANCA – UMA IDEIA DE DEUS / 2007

Argumento: Maria João Cruz, a partir de “Moby Dick” (1851), de Herman Melville, para uma encenação teatral de António Pires / *Diretor de fotografia (digital, cor):* João Ribeiro / *Escolha musical:* Paulo Abelho, João Eleutério / *Montagem:* Vanessa Pimentel / *Som:* Francisco Veloso / *Com as presenças de:* Graciano Dias, João Barbosa, José Airoso, Maria Rueff, Miguel Borges, Miguel Carvalho, Milton Lopes, Ricardo Aibéo, Rui Morrison, António Pires; narração de Maria José Cruz.

Produção: Alexandre Oliveira para Ar de Filmes; participação da RTP / *Duração:* 55 minutos / *Estreia mundial:* 27 de Março de 2007 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O JOVEM CUNHAL / 2022

Argumento: João Botelho / *Diretor de fotografia (dcp, preto & branco e cor):* João Ribeiro / *Figurinos:* Susana Moura / *Música:* trechos de Mozart, Bartok e Dvorak; *A Internacional* num arranjo para piano de e por Daniel Bernardes / *Montagem:* João Braz / *Som:* Ricardo Ganhão (gravação), Paulo Abelho (montagem e misturas) / *Interpretação:* Hugo Mota Amaro, Jaime Baeta, João Barbosa, Carolina Campanela, Rafael Fonseca, Luís Lima Barreto, Elsa Valentim, João Pedro Vaz.

Produção: Alexandre Oliveira, para Ar de Filmes / *Duração:* 53 minutos / *Estreia mundial:* Lisboa (Festival Indielisboa), 1 de Maio de 2022 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de João Botelho

A grelha de programação deste ciclo foi feita pelo próprio João Botelho, que ao reunir no mesmo programa estes dois trabalhos informativos e, no segundo caso, quase pedagógico, acabou por estabelecer de modo involuntário um elo entre a figura do Capitão Ahab e a de Álvaro Cunhal quando jovem: dois combatentes incansáveis, um alucinado e um racional, que perseguem um monstro que se revelará invencível.

A propósito do “imenso romance” que é **Moby Dick** Borges observou que “*página após página, o livro cresce até atingir a dimensão do cosmos: no começo, o leitor pode supor que o seu tema é a vida miserável dos caçadores de baleias; depois, pensa que é a loucura do Capitão Ahab, cuja ideia fixa é atacar e matar a baleia branca; percebe finalmente que a baleia, Ahab e esta perseguição que nunca chega ao fim pelos oceanos do planeta são símbolos e espelhos do universo. Para dar a entender que o livro é simbólico, Melville declara enfaticamente que não o é: «Ninguém deve considerar Moby Dick como uma fábula monstruosa ou, pior ainda, como uma horrenda e intolerável alegoria»*”. Borges acrescenta que “*o símbolo da baleia é menos apto a sugerir que o universo é mau do que a sugerir a sua imensidão, a sua desumanidade, a sua bestialidade cruel ou enigmática*” (na bela adaptação cinematográfica do romance feita em 1956 por John Huston, com a colaboração de Ray Bradbury para o argumento, o misticismo do livro está ausente, mas o de Ahab não está). O filme de João Botelho, muito claramente definido no genérico como *um documentário*, capta e recapitula as diferentes etapas de um espetáculo encenado por António Pires a partir do romance Melville, adaptado por Maria João Cruz, cujo título corrobora as observações de Borges e tornam claro o enfoque desta encenação: **A Baleia Branca – uma ideia de Deus**. Vemos sucessivamente trechos da etapa inicial de qualquer espetáculo teatral, a leitura da peça e a seguir a construção dos cenários, os ensaios, as sessões de caracterização dos personagens, até chegarmos à representação em palco, entremeados com

comentários da autora da adaptação cénica do romance. **A Baleia Branca – uma ideia de Deus** foi co-produzido pela televisão e Botelho faz pequenas concessões formais aos costumes televisivos (em diversas passagens as pessoas fingem que não sabem que há uma câmara ali), mas não cai jamais na platitudo televisiva: o filme não é completamente linear como tudo o que existe na televisão, funciona no domínio da simultaneidade (há comentários escritos no ecrã, o que os torna mais precisos e sintéticos do que observações orais). Ao filmar trechos do espetáculo no próprio palco em que foi montado, João Botelho encena a encenação e deixa, ao mesmo tempo, um precioso documento sobre um importante trabalho de um importante encenador.

A propósito de **O Jovem Cunhal** João Botelho faz questão de frisar que não se tratou de uma encomenda mas de uma ideia dele, que pôde fazer uma “*viagem pelos textos de Cunhal*”, especificando: “*Gosto do personagem do jovem Cunhal, a resistência vinda da figura da mãe, a consciência vinda da figura do pai. Gosto muito da figura do jovem Cunhal, depois já tenho dúvidas, mas foi sempre um patriota*”, além de ter sido um dos “*dois homens coerentes em Portugal no século XX*”, sendo o outro “*o fascista Salazar*”, que vemos proferir o mais célebre trecho do seu mais célebre e inequívoco discurso. Os caminhos do movimento comunista levariam Álvaro Cunhal, como tantos outros líderes da sua geração e de outras, próximas da dele (Jacques Duclos, Dolores Ibarruri, Luiz Carlos Prestes), presos à roda dentada do Komintern, a uma extrema rigidez, mas os anos de formação de um grande resistente são impolutos e não suscitam polémica.

Botelho opta por um dispositivo formal literalmente pedagógico, destinado a informar o espectador que pouco sabe e a refrescar a memória daquele que já sabe: uma aula/conferência em forma de diálogo, de modo a impedir que se instale o tédio e a espicaçar a atenção do espectador a cada vez que a palavra passa de um interlocutor para o outro. São intercalados, como exemplos na palestra, breves trechos de filmes do grande cinema soviético mudo, feitos quando Cunhal entrava na adolescência e que tanto contribuíram para a iconografia libertadora da Revolução de Outubro e tão bem ilustraram e idealizaram a utopia de um outro mundo e um novo homem antes da glaciação dos anos 30. É lembrada uma outra face de Cunhal, a de autor literário de pleno direito (coisa com que nunca sequer sonharam Duclos, a Passionária ou Prestes). Em algumas passagens Botelho opta pela presença de atores que representam o papel de Cunhal e de outros, num procedimento típico das biografias filmadas, mas não consente nunca que o seu filme se transforme numa ficção, o que neste caso seria um engodo e que Álvaro Cunhal seja transformado num boneco de cinema (não por acaso, o ator escolhido tem muita pouca semelhança com o modelo): estes trechos são breves, Botelho não aborda nunca o espectador pelo ângulo da emoção, que pode facilmente converter-se em chantagem sentimental: recusa a identificação afetiva, mantém-se no domínio do racional, do factual, nunca desarma a estrutura pedagógica que escolheu. E como concluir um filme sobre um homem que ainda viveria mais de meio século depois do período abordado pelo filme? Com imagens de uma dilapidada e abandonada prisão e a leitura em *off* de um texto de Cunhal com conselhos sobre como resistir à tortura física, proeza que nem todos conseguem mas que ele, como bem se sabe, conseguiu.

Antonio Rodrigues